

Zélia questiona interlocutores

Isaias Feitosa — 16/3/90

“Quem come rato no Nordeste ou morre na fila dos hospitais não tem representante na mesa de negociação”. A frase é da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, e revela a principal dificuldade apontada pela equipe econômica no dia-a-dia da administração do Plano Collor. Para a ministra, a qualidade dos interlocutores do governo nas discussões sobre as consequências da recessão estaria bem abaixo do ideal. De um lado, as entidades empresariais não vocalizariam os reais temores da maior parte dos empresários brasileiros. Na outra ponta, mesmo nos sindicatos de trabalhadores, a afinidade entre as reivindicações das lideranças e a necessidade da base social brasileira também seria escassa.

“Na verdade, os sindicatos falam em nome de uma minoria que conseguiu se organizar no país. Por isso, muitas vezes defendem posições que acabam sendo até elitistas, se considerarmos a pirâmide social brasileira”, confidenciava a ministra em conversas reservadas, ao longo da semana passada. Apesar do teor de suas críticas, Zélia reconhece que o papel dos sindicatos num país com as desigualdades sociais como o Brasil é fundamental na defesa dos assalariados. Reconhece também que a existência dessas entidades é um avanço que precisa ser ampliado. A frente de uma política econômica que, conforme ela admite, preconiza a recessão como forma de extirpar o processo inflacionário, Zélia sustenta que a sociedade brasileira só consegue se posicionar diante do governo a partir de um patamar elevado das mazelas nacionais.

“Todos ficam dizendo que um dia as favelas vão invadir os bairros nobres, porque as favelas são a miséria visível e com a qual a sociedade em geral já se acostumou a conviver. O problema é que existem as crianças que morrem de inanição e famílias inteiras condenadas à fome. A maior dificuldade é que a sociedade faz de conta que essa camada de miséria não existe e o governo pauta sua atuação para tentar retirá-los de sua atual condição”, pondera Zélia. Para ela, o melhor caminho para a fatia miserável do país, no momento, é o combate à inflação — mesmo que acompanhado de uma recessão. “Não é possível combater a inflação sem perdas. Muitas entidades de empresários e tra-



Zélia quer ouvir voz da maioria

lhadores apegam-se às suas perdas específicas que nada tem a ver com a grande maioria da população”.

Nos últimos dias, Zélia e seus assessores vêm fazendo também uma espécie de auto-critica. Na avaliação da equipe, um dos maiores deslizes foi o governo ter dado ouvido ao catastrofismo que sucedeu ao plano econômico. As chamadas *torneiras* setoriais, com as quais alguns setores puderem receber cruzeiros, são apontadas como “um erro tático”. Outra falha: a equipe econômica não deveria ter deixado livre aos estados e municípios a possibilidade de converter cruzados em cruzeiros. Nesse caso, segundo um auxiliar direto da ministra, pesaram aspectos políticos. O governo avaliou que governadores e prefeitos, sem essa facilidade, poderiam se rebelar contra o plano econômico e dificultar a aprovação das medidas no Congresso. (M.R.)